

São Paulo, o grande objetivo*

Jarbas Passarinho**

No início da década de 1960, para quem tinha a responsabilidade de lidar com a segurança nacional, era claro que o Estado de São Paulo era o objetivo político e militar a ser conquistado pela esquerda revolucionária. Como a palavra comunismo ainda causava grande rejeição, em vez de se dizer claramente comunista, a esquerda se dizia socialista. Como agora. Todos se dizem socialistas, com exceção dos corajosos membros do Partido Comunista do Brasil - o PC do B -, que não renegam nem mesmo Stalin. São honestos ideologicamente, pelo menos.

No ano de 1962, tive em mãos uma nota sigilosa da área militar que sugeria delírio acusatório. Alertava sobre a infiltração comunista nos seminários para abalar o anticomunismo da Igreja. Paralelamente, informava-se que, dado o desenvolvimento industrial paulista, o Partido Comunista Brasileiro já dominava os sindicatos mais expressivos numericamente, especialmente os dos metalúrgicos e dos bancários. O antídoto, acrescentava-se, estava na política do Presidente João Goulart, que fazia uma oposição dissimulada aos comunistas, servindo-se dos chamados "pelegos", os líderes sindicais a ele ligados e financiados com postos dos Institutos de Previdência Social. A Igreja também visava a influir nos trabalhadores, com força muito menor, por meio de sindicatos ligados a um dedicado padre, no Rio de Janeiro, que pugnava pela Doutrina Social da Igreja.

Em 1967 e 1968, não foi por acaso que as primeiras greves importantes depois da deposição de Jango foram feitas por metalúrgicos, primeiro em Contagem, na grande Belo Horizonte,

e depois em Osasco. Com uma diferença: em Contagem havia justa reivindicação salarial. Os líderes comunistas aproveitaram-se disso, e a greve cresceu, até que o Governo compreendeu a realidade e, sem nenhuma violência, resolveu a situação com a concessão de um abono que repunha a perda. Logo em seguida, porém, explodiu a greve dos metalúrgicos paulistas. Um jovem de 21 anos de idade liderava o sindicato. No livro *A Esquerda Armada no Brasil, 1967/1971*, premiado em Cuba, o então exilado José Ibrahim escreve algumas inverdades, mas confessa: "Eu já militava na Vanguarda Popular Revolucionária e integrava uma célula clandestina, mas os trabalhadores de Osasco desconheciam minha militância revolucionária da VPR, que já estava realizando ações armadas no Brasil." E ainda se mente, fazendo crer que o AI-5 foi a causa da luta armada!

Em São Paulo, Marighella organizaria a mais importante guerrilha urbana - a Ação Libertadora Nacional (ALN) -, com a qual conseguiria o que outros não conseguiram: a adesão de estudantes e de religiosos. O Exército produziu um documento no início da década de 1970 em que mostrava a penetração do Partido Comunista no meio estudantil, já em discrepância com Prestes, contrário à luta armada, seguindo à risca as instruções de Moscou. A Krushev interessava temporariamente a convivência pacífica com os Estados Unidos. As duas dissidências mais importantes de Prestes eram a da Guanabara e a de São Paulo. Jacob Gorender (*Combate nas Trevas*) informa: "A militância básica da ALN veio da dissidência estudantil de São Paulo, da qual incorporou 70% dos ativistas."

Os estudantes dominicanos do convento das Perdizes assumiram a condição de ativistas da fac-

* Da imprensa.

** O autor é Coronel de Artilharia, política e escritor.

ção comunista de Marighella, a ALN. Engajaram-se, sem nenhuma diferença dos comunistas, na clandestinidade da luta armada da qual não participavam diretamente. Colhiam e davam informações preciosas a Marighella, tirando partido da condição de religiosos. Homiziavam os comunistas mais visados pela contra-insurreição. Levavam alguns para o exterior, via Rio Grande do Sul. Tinham o cuidado de ocultar os próprios nomes, usando, como os experientes comunistas, nomes supostos ou codinomes.

Foi por confiar cegamente neles que Marighella foi levado à emboscada em que perdeu a vida. O hoje Frei Betto, assessor especial do Presidente Lula, era, na clandestinidade, Vitor ou Ronaldo (*A Grande Mentira*, Agnaldo Del Nero). O documento do Exército do início do decênio de 1960, que pensei delirante, tinha fundamento. Estudantes já haviam sido recrutados para os seminários. Um prior (Frei Chico) já era ativista. Onde? Em São Paulo. A infiltração no Exército onde foi mais forte? Em São Paulo, com o Capitão Lamarca e sargentos a ele ligados num importante regimento de Infantaria.

Sem comprometimento com o comunismo como ideologia, mas ligando a esquerda operária

aos religiosos católicos da Teologia da Libertação, e não discriminando comunistas, mas, ao contrário, recebendo-os depois de vencidos na luta armada, onde foi fundado o PT? Em São Paulo. Como afirma o cientista político Leôncio Martins Rodrigues, professor da Unicamp, o PT só se consolidou a partir do apoio aberto não só de padres, mas de muitos bispos, no que chama de uma *joint venture* marxista-cristã. E onde conquistou a simpatia de um cardeal? Em São Paulo. Onde o MST tem seu agrupamento mais organizado e pronto para a ação, senão em São Paulo? É no Pontal do Paranapanema, sob o comando do Sr. Rainha, que se propõe a fazer da região um novo Canudos, mas decerto sem aceitar o destino de Antônio Conselheiro.

Em eleições livres – que são o caminho adequado à democracia –, o PT começou sua escalada vitoriosa nas cidades do ABC de metalúrgicos, venceu na capital (pela segunda vez), nas cidades principais do interior paulista e foi ao segundo turno em 2002. Tem agora o presidente da República, mas ainda não o governo de São Paulo, provavelmente o teste decisivo em 2006. ●

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



A Supremacia Americana e a Alca

Francisco de Assis Grieco

Após apreciar os fatores históricos presentes na formação da sociedade norte-americana, o autor analisa a evolução deste país e sua inserção na política regional e sua política mundial. Estuda os grandes problemas atuais da política exterior dos EUA e sua dificuldade em harmonizar sua vocação pluralista e liberal com as imposições de sua supremacia mundial. É uma obra séria que contém um repertório de informações históricas, diplomáticas e econômicas que irão atualizar e aprofundar os conhecimentos dos leitores sobre o tema.

Os combatentes da “Liberdade”*

*Denis Rosenfield***

Valores estruturam uma sociedade. Por meio deles, essa se pensa e oferece os parâmetros pelos os quais os indivíduos balizam o seu comportamento. Quando mais essa sociedade for articulada pela idéia da liberdade, maiores serão as suas chances de desenvolvimento socioeconômico e, sobretudo, de formas mais civilizadas de comportamento. Aquilo que viemos a considerar como humanidade é a expressão desses valores e princípios que foram assim consolidados. Eis por que o debate de idéias é central na perspectiva de uma sociedade livre.

O recente mal-estar que tem se manifestado em nossa sociedade a respeito das torturas cometidas durante o regime militar não deve dar lugar a um comportamento maniqueísta, como se os militares estivessem do lado do mal e os guerrilheiros e/ou terroristas no do bem. Esse tipo de polarização, em boa parte dos casos, visa a ocultar algo relevante na ótica de estruturação de uma sociedade. Estamos presenciando um ataque sistemático à instituição militar, como se os esquerdistas de então fossem os combatentes da liberdade. A pergunta que vem imediatamente à mente é: estavam eles comprometidos com a democracia?

Um pouco de história não nos fará mal. Quando do chamado golpe de 1964, havia, sim, uma tentativa em curso de instalação de um regime de tipo comunista no Brasil. Embora essas ações estivessem se aproveitando das instituições democráticas vigentes, não é menos verdadeiro que o seu propósito consistia na abolição pura e simples dessas mesmas instituições. A sociedade

vinha sendo convulsionada por atividades subversivas que acompanhavam os diferentes modelos comunistas nessa época vigentes, do soviético ao maoísta, passando pelas diferentes versões trotskistas, guevaristas, castristas, albanesas e outras. O zoológico ideológico era aterrador, sobretudo pelos crimes que ocultava. Acrescentemos, ademais, que a sociedade brasileira em geral clamava por uma participação militar, consubstanciada em apoios dos mais importantes e influentes jornais da época, além de representantes da Igreja e da sociedade civil em geral. Muitos dos que depois se tornaram críticos do regime militar quando do seu fechamento e da prática que então começou a corroer a própria instituição militar apoiaram, em nome da democracia e da liberdade, que se desse um basta a essas tentativas que se tornavam cada vez mais insurrecionais.

Quando um setor da esquerda pegou em armas contra a ditadura, ele não o fez em nome da liberdade e da democracia, mas em nome de suas propostas de instauração de um regime de corte totalitário no País. Os que hoje se apresentam como combatentes da liberdade nada mais eram que os representantes do totalitarismo. Que pretendam agora se colocar como vítimas é um contra-senso histórico, uma imoralidade, que se faz ainda às expensas dos contribuintes, que devem pagar vultuosas indenizações aos que tinham como propósito a eliminação da liberdade no Brasil. Peguem o caso tão em voga da guerrilha do Araguaia. Essa guerrilha seguia uma orientação maoísta que tinha entre os seus ícones assassinos como o secretário-geral do Partido Comu-

* Transcrito do portal eletrônico A Continência - em 20/11/04.

** O autor é filósofo e historiador.

nista da Albânia e Mao Tsé-tung e o seu grupo na China. As suas vítimas se contam aos milhares e aos milhões, sem que nada seja dito a respeito. Pretendiam eles instaurar a democracia no Brasil ou um governo totalitário desse tipo?

Causa, portanto, espécie na discussão atual a distorção desses fatos, como se o que estivesse em questão, do ponto de vista das supostas vítimas/guerrilheiros, fosse a liberdade. Essa falsificação histórica obedece a outros propósitos que não são apenas os exorbitantemente pecuniários, mas também os de “mostrar” que os atuais detentores

do poder estão do lado do “bem”, e ali sempre estiveram. Denegrir as Forças Armadas corresponde a uma estratégia de marcar um “inimigo”, para então fazer passar um outro projeto de enfraquecimento da democracia. Quando a luta pelas idéias parte desse tipo de falsificação histórica, o seu propósito consiste em orientar diferentemente as ações dos cidadãos desse País. A crítica justificada da tortura e dos excessos de determinados momentos do regime militar não pode ser uma desculpa visando a encobrir uma outra tentativa de silenciamento da liberdade. ●

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



As Grandes Decisões Estratégicas

*Elaborado pela Diretoria de História Militar
do Departamento do Exército dos EUA*

Desde o início da Segunda Guerra Mundial e após sua conclusão, uma equipe de historiadores, pesquisadores e escritores trabalha na reunião e seleção de documentos que relatam a participação do Exército dos EUA no conflito. Já foram consultados milhares de documentos (dos nossos aliados, dos japoneses e dos alemães), complementados por entrevistas feitas com participantes do conflito. Com base nesse trabalho, foi editada esta obra com vinte capítulos, cada um abordando uma decisão importante da Segunda Guerra Mundial. Inigualável em sua amplitude, em seus pormenores, em sua importância e na profundidade de sua extensão, ela pode ser considerada como uma história para historiadores.